

Revista *The Economist*, bíblia das finanças, já elogiou Mussolini e Pinochet

Mario Sergio Conti

Folha de S.Paulo, 1.2.2020

Livro 'Liberalism at Large' relata como o jornaleco semanal virou a voz da elite globalizada

As reportagens da Economist são anêmicas. Seu tom é prepotente e peremptório. Os editoriais são mais adjetivados que argumentados. A diagramação é maçuda e maçante. Títulos com trocadilhos e aliteraões abundam, cansam. A parte cultural é podre. O dogmatismo onisciente enche.

Mas... A Economist condensa e maneja estatísticas divinamente. Desembaraça emaranhados econômicos espinhosos. Tem capas espertas. Afrontou Berlusconi e atormenta Putin. Busca assunto no mundo todo. O estilo “oxbridge” tem lá seus bons momentos.

Seu decantado elitismo é marketing. Uma propaganda diz: “Nunca leio The Economist: estagiário em gerência, 42 anos”. E outra: “O topo é solitário, mas pelo menos há o que ler”. Funciona. Uma pesquisa dela própria diz que 20% de seus leitores estocam vinhos vintage.

Como nem todos eles são podres de ricos, ela fala aos que aspiram a ser. Aos que afetam um ar cosmopolita e “cool”, neoliberais sem gravata. Ou os cabeças brancas do liberalismo sem sufixo. Anônimos, os artigos facilitam a identificação de uns e dos outros com o ente sabichão.

“Liberalism at Large - The World According to The Economist” (ed. Verso), de Alexander Zevin, relata como o jornaleco semanal virou a voz da elite globalizada. Junto com essa história, conta outra, a das mutações do liberalismo.

É uma história fascinante. Ela começa em 1843, quando foi fundada por um rico escocês autodidata, James Wilson, que fabricava chapéus e se tornou banqueiro. Seu credo era o “laissez-faire”, o livre comércio, impostos baixos, o fim de subsídios e da regulamentação da economia.

Ao Estado caberia tão somente zelar pelo direito de lucrar. Como defendeu a revista: “Onde há mais lucro, melhor o público é servido”. Limitar o lucro é prejudicar a sociedade inteira, sobretudo os pobres. Logo, a economia deveria ficar na mão invisível do mercado.

Marx, que consultava a Economist na sala de leitura do British Museum, disse que a mão invisível era parte de um corpo bem palpável: ela veiculava os interesses de um setor da classe proprietária, a “aristocracia da finança”.

Desde então, o capital financeiro se assenhorou da sociedade ocidental. Com isso, o livro de Zevin —historiador inglês que dá aulas na City University de Nova York— tem muito de economia. Mas o que dele emerge com força são as relações entre o liberalismo e a democracia.

A vontade popular interessa menos à Economist que a estabilidade para os negócios. A revista apoiou do golpe de Luis Napoleão, em 1851, ao de Pinochet, em 1973.

No século 19, defendeu que se baixasse o pau nas revoltas irlandesas contra a fome, atacou Lincoln e racionalizou a escravidão. No 20, elogiou Mussolini e as ditaduras latino-americanas. Um historiador diz que a cobertura da invasão americana do Vietnã era “pura propaganda da CIA”.

“Liberalism at Large” nota que a revista às vezes fraquejou na ortodoxia. Tanto que no pós-guerra contratou e encampou as análises de Isaac Deutscher, marxista exilado, para entender a União Soviética. E, em 1964, a princípio lamentou a quartelada verde-amarela.

Mas em todos os casos, assim que a ordem liberal despontou, a Economist se alinhou com a aristocracia das finanças, em detrimento de considerações “irreais”, “românticas”, “utópicas”.

A postura vem até hoje: há pouco, ela disse que “Bolsonaro é um populista perigoso, mas com algumas boas ideias” —i. e. privatizações. Para bom entendedor, meia palavra basta. O que importa, no final do dia, são os interesses materiais da nata rentista. Liberalismo, sim, mas calma lá.

A postura materialista se estende à liberação dos costumes. Zevin escreve: “Em 1996, a revista veio a público defender o casamento gay, inflamando a direita religiosa, embora suas razões tivessem pouco a ver com o amor romântico; ‘os solteiros estão mais propensos a cair nos braços do Estado de bem-estar social’”.

A Economist tomou o poder com Reagan e Thatcher. O neoliberalismo, hélas, vem soçobrando. Agora, resta-lhe então lamentar o estado do mundo, o poder chinês, o brexit, Trump, Boris Johnson. Não tem novas ideias a oferecer.

Rançosa, perdeu assinantes e tenta reagir. Nomeou uma mulher, Zanny Beddoes, para a direção da redação —a primeira depois de 16 marmanjos— e está atrás de leitoras e jovens.

A revista escreve cada vez mais sobre millennials, inteligência artificial, clones, carros sem motorista, drones. “Não queremos ser o vovô na balada”, disse Beddoes. A Economist fez isso sempre.